

## ***Hilemorfismo* (\*)**

Designa-se por hilemorfismo o resultado de uma síntese compósita entre *matéria* (- *hylê*) e *forma* (- *morphê*). Apesar de esse termo não comparecer grafado *ad literam* nos tratados de Aristóteles – encontrando-se a sua origem lexical reportada a uma vaga, mas muito incerta, construção terminológica oitocentista – a ideia que se lhe associa reveste-se, todavia, de uma crucial importância para a sua filosofia. A base conceptual remete para a teoria da substância (*ousia*; *hypokeimenon*), à qual inerem três possibilidades constitutivas: matéria (“*hyle*”), forma (“*eidós*” ou “*morphe*”) ou composto <de ambas> (“*synolon*”) [ARIST, *Metaphysica*, VII, 3, 1029a 3-4; VIII, 3, 1043a 27-28; XII, 3, 1070a 9-12]. Se a matéria é aquilo “de que” (*ex hou*) algo provém ou a partir do qual se produz algo (passível de uma determinação constitutiva), já a forma é aquilo que se apresenta ou já essencialmente determinado (*to ti he on*) ou, por isso mesmo, capaz também de facultar uma “figuração” (*skhema*), i.e. um contorno, um recorte, ao que materialmente se expõe. É justamente no âmago da vinculação entre matéria e forma que o sínolo (“*synolon*”) se constitui, possibilitando o nexos substancial em que assenta a individuação de cada ser [Ibid., XII, 3, 1070a 12-13]. Em termos práticos, porém, o

---

\* AMARAL António, «Hilemorfismo», in *Dicionário Global da Espiritualidade e da Mística*, dir. Eduardo Franco e Eugénia Abrantes, Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO) e CLEPUL – Universidade de Lisboa, em parceria com a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP); Lisboa: 2025 [versão online ISBN 978-989-9012-99-8]

hilemorfismo não releva apenas de uma especulação metafísica. No *opus aristotelicum*, o seu impacto antropológico projecta-se na imaginação como faculdade mediadora capaz de, em síntese unificante, coadunar tanto o pólo da intelecção (fonte “da forma determinante” dos conceitos universais), como o da sensação (fonte da “matéria indeterminada” das percepções particulares), num circuito integrado que articula alma e corpo numa totalidade vivida [Id., *De anima*, II, 1, 412a 20]. Graças a essa articulação, a razão humana pode percorrer quer “verticalmente” o campo gnosiológico desde a percepção sensível até à apreensão inteligível [Ibid., III, 432a, 3-7], quer “horizontalmente” o campo prático desde a apropriação moral da virtude até à estruturação prudencial da decisão, designadamente naquelas situações-limite críticas que, à semelhança da arte manufactural ou plástica para moldar a forma numa matéria, exigem, também elas, a “modelação” de uma apreensão formal (no tocante à universalidade da norma) numa compreensão material (no respeitante à particularidade da circunstância) [Id., *Ethica Nicomachea*, V, 10, 1137b 29-32]. O hilemorfismo foi historicamente absorvido, desde logo em ambiência neoplatónica pela pena de Ibn Gabirol (Avicebron), e já depois, em contexto medieval cristão (a partir e com base num notório influxo escotista e tomista), teologicamente reutilizado v.g. nas disputadas e complexas estabilizações doutrinárias dos dogmas da ressurreição e da transubstanciação eucarística, sem que surpreendentemente nada o tivesse impedido de reemergir em teorizações filosóficas na ciência contemporânea, v. g. no contexto da

mecânica quântica [vide v.g. W. Heisenberg, *Physics and Philosophy*, 41].

## **Bibliografia**

ARISTOTLE, *De anima; Metaphysics; Nicomachean Ethics*, in *THE COMPLETE WORKS OF ARISTOTLE*, I-II, ed. Jonathan Barnes, Princeton: Princeton University Press, 1995; BYNUM Caroline, “Resurrection, Hylomorphism and Abundantia: Scholastic Debates in the Thirteenth Century”, in *The Resurrection of the Body in Western Christianity*, New York: Columbia University Press, 1995, 229-78; DE HAAN D. D., “Hylomorphism and the new mechanist philosophy in biology, neuroscience, and psychology”, in W. Simpson, R. Koons, & N. Teh (Eds.), *Neo-Aristotelian perspectives on contemporary science*, New York: Routledge. 2017, 293–326; DUBARLE D., “L'idée hylémorphiste d'Aristote et la compréhension de l'univers”, in *Revue des Sciences philosophiques et théologiques* 36 (1952) 2, 205-230; HEISENBERG Werner, *Physics and Philosophy*. London: Allen and Unwin, 1958; JAWORSKI W., *Structure and the metaphysics of mind: How hylomorphism solves the mind-problem*. Oxford: Oxford University Press, 2016; JOHNSTON M., “Hylomorphism”, in *Journal of Philosophy* 103 (2006) 652–698; KOONS R., “Staunch vs. faint-hearted hylomorphism: toward an Aristotelian account of composition”, in *Res Philosophica* 9 (2014) 151–177; MANNING Gideon, “The History of Hylomorphism”, in *Journal of the History of Ideas* 74 (2013) 2, 173-187; MARMODORON A., “Aristotelian hylomorphism without reconditioning”, in *Philosophical Inquiry* 36 (2013) 5–22; WILLIAMS B. (1986). “Hylomorphism”, in *Idem, The Sense of the Past: Essays in the History of Philosophy*, Princeton: Princeton University Press, 2006, 218–228.